HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

"O QUE VAMOS ASSISTIR HOJE": CINEMA E ANIMAÇÃO NA PRÉ – ESCOLA

"WHAT WE WILL WATCH TODAY": CINEMA AND ANIMATION IN PRE - SCHOOL

Luana Tainah Alexandre BRAZ[1]
Magda SARAT[2]
Larissa Wayhs Trein MONTIEL[3]

Resumo: nesta pesquisa buscamos verificar como o filme infantil vem sendo trabalhado na pré-escola, observando a participação/ou não das crianças. É possível considerar que essa linguagem é presente no seu cotidiano, já que assistem repetidas vezes as mesmas produções. Realizamos a pesquisa a partir de um levantamento teórico, com entrevista semiestruturada e observação, com intuito de ouvir as crianças e perceber o comportamento das mesmas, além do título escolhido e a intervenção dos docentes. Consideramos que as professoras com frequencia incluem este recurso no planejamento, porém apenas algumas trabalham realizando uma intervenção pedagógica antes, durante e ao término da exibição. Em geral, a exibição não ocorreu em lugar adequado. Verificamos que as crianças se interessam e interagem com os personagens em determinados momentos, porém nem sempre participam do processo de escolha dos títulos a serem projetados pela docente.

Palavras-chave: Educação Infantil. Filmes Infantis. Prática Docente.

Abstract: : in this research we seek to verify how the children's film has been worked in the preschool, observing the participation or not of the children. It is possible to consider that this language is present in their daily life, since they watch the same productions repeatedly. We carried out the research from a theoretical survey, with semi-structured interview and observation, in order to listen to the children and perceive their behavior, besides the chosen title and the intervention of the teachers. We consider that teachers frequently include this resource in planning, but only some of them work performing a pedagogical intervention before, during and at the end of the exhibition. In general, the view did not take place properly. We verified that children are interested and interact with the characters at certain moments, but they do not always participate in the process of choosing the titles to be designed by the teacher.

Keywords: Early Childhood Education. Children's Films. Teaching Practice

Introdução

[1] Discente do 8º. Semestre de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD). E-mail: luana_tainah@hotmail.com.
[2] Professora Associada da FAED/UFGD. E-mail: magdasarat@ufgd.edu.br.
[3] Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Educação FAED/UFGD. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: larissawtmontiel@hotmail.com.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

A televisão a partir das suas diversas formas de transmissão de suas programações não faz distinção entre a fase adulta e a infância. Ela está sempre acessível para ser assistida a qualquer momento. É um mecanismo considerado de fácil entendimento por atrair a atenção de todos que assistem, assim também o é para as crianças de até 6 anos, as quais visualizam sequências de imagens bastante coloridas e aproximadas do real, cheias de animações e músicas contagiantes de rápida memorização, possibilitando que passem horas assistindo à programação, paradas, apenas assimilando gestos e palavras.

> [...] a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas a sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento, e terceiro porque não segrega seu público[...]. Biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria dessas imagens [...]. Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância (POSTMAN, 1999, p. 94).

Podemos considerar a partir disso que o problema dessa pesquisa foi verificar como o filme de animação vem sendo trabalhado na pré-escola, percebendo a escolha e o interesse das crianças nesse processo. É possível considerar que esse tipo de linguagem é presente no cotidiano das crianças, seja em suas casas, cinemas ou escolas, assim como, o interesse em assistir repetidas vezes, as mesmas produções. Ou seja, compreender quais são os títulos e personagens preferidos, e tempo dedicado a essas exibições midiáticas. Buscamos compreender quem escolhe e coloca o recurso para as crianças e em que determinado momento isso acontece nas instituições de Educação Infantil. Este trabalho é uma continuidade de uma pesquisa realizada na Iniciação Científica intitulada “Práticas Docentes na Educação Infantil: Gênero, sexualidades e filmes infantis” e assim, para o trabalho de graduação (TG) optamos por ampliar as análises a partir dos dados levantados na pesquisa anterior.

A proposta metodológica foi pensada no ato de ouvir as crianças e observá-las nas ações enquanto assistem os filmes de animações, a fim de verificar o que sentem e como interagem durante a exibição. Esperamos com este estudo ouvir as crianças no sentido que:

> [...] a escuta das crianças foi incluída como estratégia fundamental para ampliar-se o repertório relativo ao direito e à qualidade da Educação Infantil,

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

> considerando-se pontos de vista que geralmente estão excluídos das discussões sobre políticas e práticas educacionais (CRUZ, 2008, p. 302).

Ou seja, devemos ouvi-las, quanto a suas dúvidas, preferências, opiniões e fatos da sua vida. Essa prática deve abranger desde seus lares até creches e escolas. Ser criança não pode ser algo neutro, esquecido, mas sim valorizado. É a partir desse questionamento que se desenvolve esta pesquisa, de procurar perceber o que ela sabe e como pensa, fomos realizando a intervenção, partindo da escuta e da percepção delas sobre as práticas pedagógicas vivenciadas.

Entretanto alguns questionamentos também foram levantados para a realização da pesquisa, partindo da prática docente. É possível perceber como são planejadas as atividades de exibição dos filmes? Existe um controle dos adultos sobre os títulos a serem assistidos pelas crianças? Os docentes assistem previamente para preparar a aula com exibição de filmes? Os docentes buscam recursos midiáticos que atinjam objetivos mesmo que de forma indireta? Tais indagações nos permitem discutir sobre a possibilidade de realizar uma reflexão sobre as práticas educativas midiáticas e sua utilização no cotidiano das crianças da educação pré-escolar.

1 Infância e cinema

A infância é um período da vida que possibilita inúmeras e novas experiências, e o cinema é uma forma de arte que faz uma leitura específica de compreensão do mundo. Portanto, compreendemos a infância:

> Como um dos períodos fundamentais para a experiência humana, como o início da vida e do estabelecimento das relações com o mundo exterior. Vejo-a também como um período de aprendizagens e de vivências sociais, que lhes possibilitam formar-se como pessoas, dando continuidade às gerações (SARAT, 2004, p. 16).

É na infância que aprendemos a falar, gesticular, a expressar nossos desejos e vontades e a repetir o que os adultos ensinam ou que as crianças observam no comportamento dos demais à sua volta. Na infância ainda aprendemos a viver em conjunto, a conviver com outras crianças e a dividir os mesmos espaços, e assim vamos vivenciando tudo por meio de experiências. É também ao crescer em grupo que a criança aprende a fala articulada.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

> Somente na companhia de outras pessoas mais velhas é que, pouco a pouco, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle dos instintos. E a língua que aprende, o padrão de controle instintivo e a composição adulta que nele se desenvolve, tudo isso depende da estrutura do grupo em que ela [a criança] cresce e, por fim, de sua posição nesse grupo e do processo formador que ela acarreta (ELIAS, 1994, p. 27).

Pensamos este viver em grupo e estar em companhia de pessoas mais velhas no âmbito escolar e familiar no qual há espaço para muitas aprendizagens. A criança necessita de alguém mais velho ou mais experiente para que aos poucos ela vá aprendendo e se desenvolvendo, nesse processo formativo. O mesmo pode ser percebido na relação homem e máquina, imagem e pessoa, animação e criação. Para tanto, o filme não precisa ser extinto da vivência da criança. Nos podemos aprender novas formas de conviver e de educação, no caso, deste trabalho a educação midiática pois o processo educativo é fundamental.

> [...] os seres humanos não só podem, mas também devemos aprender com outras formas pré-existentes de linguagens de uma sociedade específica. Eles devem aprendê-las não só para se comunicar com os outros, mas também para se tornarem indivíduos totalmente funcionais (ELIAS, 2009, p. 27).

A criança aprende ao assistir filmes e desenhos, aprende com o meio que vive e na infância torna-se um momento em que ela está aberta para novas experiências, quer conhecer coisas e deve ter em seu meio condições para que isso seja possível. Os recursos midiáticos como filmes de animação também podem fazer parte disso. Independente da forma de exibição, as crianças se comunicam, imitam o que veem, e interiorizam as experiências aprendidas na infância. Entre as vivências da criança está o espaço da escola neste processo, no qual passam grande parte do seu dia, e mantém contatos e se relacionam com outras crianças e adultos. Assim, consideramos a infância como

> [...] um processo construído social e culturalmente, já que é preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc. reconhecê-las como produtoras da história (KUHLMANN, 2010, p. 30).

Diante disso, a função do professor e a presença dele na construção da infância é de muito valor. Logo, "é desnecessário dizer que a importância dos filmes animados opera em

muitos registros, mas um dos mais persuasivos é o papel que eles exercem como novas máquinas de ensinar" (GIROUX, 2001, p. 50, 51). As mídias não podem tomar o espaço dos adultos como familiares e educadores, os filmes têm conteúdo, transmitem aprendizados com uma grande facilidade de entreter, de modo que

> O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, de entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na concepção dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura e as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico (MORAN, 1995, p. 02).

A prática docente precisa estar direcionada para o educativo, imaginário, lúdico dentre outras coisas, mas também se atentar para não deixar que tudo ocorra de modo livre sem planejamento. Assistir o que a gente gosta gera prazer, remete a descanso, e é agradável. Portanto, quando utilizamos filmes e desenhos na sala de atividades com muita frequência, corremos o risco de perder o foco, de se tornar apenas lazer, o que não seria um problema a depender do objetivo traçado pelo planejamento docente. Sendo assim, o professor pode e deve aproveitar este recurso que chama tanta atenção das crianças e despertar o interesse delas, para trabalhar algo intencional revisto no seu planejamento. Percebemos, a partir da bibliografia que existem quatro formas de utilizar filmes e desenhos na prática docente com as crianças.

> [...] vídeo tapa-buraco: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas, se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa - na cabeça do aluno - a não ter aula [...] (MORAN, 1995, p. 03).

Neste primeiro momento podemos entender a exibição, sendo utilizada para preencher um espaço no planejamento, ou choveu, ou por sua vez as crianças estão agitadas. O professor se utiliza para preencher um espaço vago das atividades pedagógicas sem direcionar objetivos.

> [...]vídeo-deslumbramento: o professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passar vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas [...] (MORAN, 1995, p. 03).

Temos assim, o uso exagerado dos filmes em sala, pois ao passar dos limites torna as aulas rotineiras e cansativas e utiliza o espaço das brincadeiras, atividades. E ainda, utilizar o

e-ISSN: 2318-1540

vídeo sem uma discussão do conteúdo e uma conversa com as crianças pois, "[...] só vídeo**:** não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes [...]" (MORAN, 1995, p. 04).

O professor necessita estar atento para que os filmes sejam ferramentas didáticas, devem fazer parte do planejamento e preparados com antecedência. Todas as vezes que houver exibição de filmes é importante além de suas falas, indagar a criança quanto as dúvidas, suas opiniões, seus comentários, seus interesses, pois comentar sobre os momentos do filme torna-se uma oportunidade de debates e troca de opiniões entre as crianças e adultos. Ainda temos o,

> [...] vídeo como conteúdo de ensino. Vídeo que mostra determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares (MORAN, 1995, p. 04).

Quando o educador exibe o filme com alguma finalidade, torna-o parte do conteúdo, e ao aproveitar cenas, imagens ou falas para retomar ou iniciar algum assunto torna a atividade mais prazerosa, produtiva e inclui a participação das crianças.

Nesse sentido, o uso das tecnologias pode ser importante e benéfico como instrumento pedagógico e estratégia de planejamento que permite momentos de lazer, aprendizagem e deleite por parte de todo o grupo que aprende coletivamente com as experiências fílmicas pois,

> As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes (MORAN, 2008, p. 170).

A partir do exposto buscamos apontar algumas formas pautadas nas discussões de Moran (2007) de como os filmes vem sendo utilizados em sala de aula ou em salas de atividades da educação infantil, a partir da referida pesquisa empreendida por nós. Compreendemos que a oportunidade de utilização do filme de animação na aprendizagem das crianças é fundamental, desde que seja a partir de um planejamento prévio, na qual estejam previstas todas as ações envolvidas: preparação da exibição, objetivo do que será exibido oportunidades exploradas, entre outras possibilidades envolvendo tal recurso.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

1. 1 Ouvindo as crianças na pesquisa

Como parte empírica da pesquisa, realizamos o método de entrevista semiestruturada, com a utilização do termo de consentimento livre esclarecido, para ouvir a criança. Reconhecendo assim a importância da entrevista. Podemos considerar que:

> A entrevista, também elemento básico para a coleta de dados por preservar o caráter da interação e a captação imediata e corrente da informação desejada [...] principalmente se utilizada de forma não totalmente fechada. Desse tipo, é chamada de semiestruturada, —onde não há a imposição de uma ordem rígida de perguntas, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que, no fundo, são a verdadeira razão da entrevista (LÜDKE E ANDRÉ, 2013, p. 39).

Quando partimos do interesse das crianças, conhecendo seus gostos e preferências podemos intervir na sua prática cotidiana na instituição. Logo, a importância de se apropriar das experiências e conhecer a rotina das crianças, seus contextos, perceber sua singularidade. Conforme Ferreira (2016, p. 12) relata "[...]precisamos conhecer as crianças e as experiências que vivenciam no dia-a-dia, e saber delas o que significam tais experiências. Precisamos nos despir do olhar simplista, da dimensão padronizada, descompactar o tempo e o espaço [...]".

Desta maneira, entrevistamos quatro crianças das salas do Pré1 I e II de uma Escola Municipal da cidade de Dourados - MS. As mesmas possuíam entre 5 a 6 anos de idade e moravam com seus pais e irmãos. Uma das crianças era filha única e não tinha irmãs/os. Perguntamos às crianças inicialmente se gostavam de assistir filmes e desenhos. A resposta foi unânime "Gosto Bastante! " Ou ainda "sim gosto muito! "

Em seguida, ao serem indagadas sobre quais filmes e desenhos gostavam mais e a frequência que assistiam. Obtivemos as seguintes respostas:

> (C1) *da galinha pintadinha e da princesa, já assisti duas vezes.*
> (C2) *bob esponja e a vaca e o frango, que falava o dia a dia de uma vaca e um frango, eu acho que já assisti um milhão de vezes.*
> (C3) *os vingadores, já assisti mais de dez vezes.*
> (C4*) o da super Pink, ela é uma super heroína e do meu amigão que tem um monte de amiguinhos, cada um tem um bichinho, eu só assisti na escola* (CRIANÇAS 1,2,3,4, 2017).

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

É possível perceber que a maioria já assistiu mais de uma vez a cada filme de animação, e se lembra do que assistiu pois conseguem fazer uma síntese do tema e do título. Segundo Nunes (2003, p. 23), "as crianças, em geral, aprendem com muita facilidade. Têm olhos e ouvidos que registram tudo, armazenando conhecimentos, assimilando fatos, aprimorando suas experiências ao longo de seu desenvolvimento".

A partir daí, foram levantados alguns questionamentos com o intuito de ouvir as crianças quanto a sua rotina com filmes de animação, e perguntamos onde que assistiam os filmes:

> (C1) *na minha casa.*
> (C2) *na televisão e no celular.*
> (C4) *no note da minha mãe, por que eu tinha um DVD e está estragado, estragou e o meu pai jogou fora* (CRIANÇAS 1,2,4, 2017).

E também, em quais horários elas mais assistiam aos filmes, suas respostas foram:

> (C1) *Depois de ir para a escola, eu brinco um pouquinho, aí eu assisti.*
> (C2) *Eu pego o celular da minha mãe depois eu vou dormir, mamo de dia e depois acordo e depois eu assisto os desenhos.*
> (C3) *Antes de vir para a escola. Eu falo para a minha mãe para baixar lá. Daí quando ela acaba de baixar eu vou assistir.*
> (C4) *Só depois que eu chego e quando a minha mãe deixa. E quando ela pede para mim colocar desenho para a minha irmã e eu gosto também da galinha pintadinha. Ela deixa eu pegar o note, ele é pesado mais eu aguento. É meio pesado[...]* (CRIANÇAS 1,2,3,4, 2017).

Podemos perceber pelos relatos das crianças a presença do "hábito" de assistir filmes diariamente. Elas costumam assistir com muita frequência em suas casas, assim como a utilização de outros dispositivos tecnológicos além da televisão e o DVD, celular, tablet e Notebook. Távola (1998, p. 48) diz que "as crianças usam a TV como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências vividas". Segundo ele, "as crianças se prendem a cenas que descrevam processos nos quais podem participar". Em seguida, perguntamos como eram utilizados os filmes de animação em casa, pretendendo observar a liberdade ou dependência de tal recurso. Foi questionado a criança quem colocava o filme ou desenho para que ela assista:

> (C2) *A minha mãe, eu peço daí ela coloca. Têm vários canais que eu adoro, o 94[...] 94 é o mais legal.*
> (C3) *A minha mãe, ou meu pai ou meu irmão.*
> (C4) *A minha irmã e alguns dias sozinha* (CRIANÇAS, 2,3,4, 2017).

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Em sua maioria as crianças solicitam a ajuda de alguém mais velho para colocar os filmes e já tem claramente preferências e conhecimentos sobre quais canais ou títulos são os preferidos e o que cada um exibe. Diante desta perspectiva procuramos ouvir as crianças quanto aos seus personagens preferidos.

> (C1) *A princesa, porque ela casa com o príncipe [...]*
> (C2*) Meu personagem preferido é o Hello Neighbor.... É um vizinho maluco que você tem que descobrir o que tem no porão secreto, ele não te deixa, se você abrir e não aguentar, ou se não[...]ele te pega e enterra. Ele tem um bigode é muito esquisito. Eu assisto Hello Neighborer faz milhões de dias.*
> (C3) *O capitão américa. Por isso que eu to com essa camiseta (mostra ela). Eu tenho a fantasia dele. O short e a máscara. Sabe o que combina mais com a fantasia? O escudo eu também tenho o escudo e o martelo do Tor.*
> (C4) *A super Pink.[...] acho legal a aparência dela* (CRIANÇAS 1,2,3,4, 2017).

Nunes nos ajuda a pensar a criança de forma que "mesmo sem saber compreender frases inteiras ou sequer ler, utiliza os sentidos para explorar o que existe a seu redor" (NUNES, 2003, p. 80). Foi possível perceber que as crianças têm os seus personagens preferidos, as meninas (C1 e C4) gostam das personagens femininas e se encantam com o final feliz da história, um conto de fadas como os das princesas que casam com seus príncipes e são felizes para sempre, ou ainda de uma super menina Pink que chama a atenção pela aparência, e no seu imaginário ao assistir deseja ser igual a personagem. Já os meninos (C2 e C3) demostram gostar muito dos personagens, um deles até resume a história com detalhes e aponta que assiste há "milhões de dias". A outra criança se encontrava no momento da entrevista com vestimenta do seu personagem e relata ter outras peças do mesmo personagem. Com isso é possível perceber que "As crianças assistem praticamente tudo e, de alguma forma, estão elaborando o que assistem. Compete aos responsáveis decidir o que fazer com essa informação" (FERRARI, *apud,* BEZERRA, 1999, p. 116).

Diante disso questionamos as crianças o que gostavam de fazer quando estavam em casa (em seu tempo livre)?

> (C1) *De brincar[...] de pega-pega de patinete, gosto de brincar com as minhas bonequinhas. Tenho uma princesa Rapunzel, a princesa Frozen e a princesa de casamento.*
> (C2) *A coisa que eu mais gosto de fazer[...] é mamar na minha mamadeira[...]de esconde-esconde com o meu amigo [...] ele é meu vizinho,*

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

> *a gente brinca de pega-pega, a gente joga tabuleiro, eu tenho um jogo de tabuleiro, a minha mãe guardou.*
> (C3) *Eu vou lá para a casa da minha avó e brinco o meus primos [...] de ir lá no balanço. Mais quando meu primo tá eu vou ter que fazer isso. Ele não deixa eu parar de brincar.*
> (C4) *Desenhar com lápis de escrever ou as vezes caneta. E brincando de Barbie ou de neném grande* (CRIANÇAS 1,2,3,4, 2017).

Pode-se perceber, que as crianças não veem o ato de assistir filmes e desenhos como algo fora da rotina, ou que deve ser feito nas horas vagas. Eles entendem que é algo integrado na sua prática diária. Assim, naquele horário todos os dias as crianças "param" para assistir por determinado tempo. Elias (2002, p. 47) aponta que "Criança precisa de natureza, de espaço para correr, brincar e deixar a imaginação à solta. Não pode ficar tempo demais diante da TV".

Podemos considerar que as crianças em suas rotinas domésticas já ficam bastante tempo expostas a atividade de assistir filmes e desenhos sem uma intencionalidade, pois isso, faz parte da prática diária das crianças no ambiente familiar. O que nos possibilita refletir sobre o uso dessa tecnologia também no ambiente escolar e no caso em questão na Educação Infantil, procurando evidenciar como as práticas em sala de atividades estão sendo propostas pelos professores com o uso da prática fílmica.

1. 2 Assistindo com eles na pesquisa de campo

Tendo em vista o instrumento de coleta de dados, esta pesquisa direcionou-se também para a observação das crianças na sala de atividades no momento da exibição de filmes infantis. Com o intuito de analisar melhor as posturas, comentários e compreensão que o grupo adquire ao assistir determinado título, além da intervenção docente. O que procuramos realizar foi conhecer a criança, estar participando ao seu lado e interagindo, no seu espaço, ouvindo suas dúvidas, opiniões o que importam dizer, assim acreditamos que estamos compreendendo como um ser social. Um ser que se encontra em vários lugares e interage neles e vivência.

Diante disso, Lüdke e André (2013, p. 31), apontam que a observação "é o principal instrumento de investigação, sobretudo por permitir —a experiência direta e chegar mais perto das perspectivas dos sujeitos e a apreensão do significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações". Foi possível a partir da observação, vivenciar a prática dos

e-ISSN: 2318-1540

docentes em sala quando ao utilizam este recurso, pois é imprescindível o professor em sala assistindo junto às crianças, procurando para sanar eventuais dúvidas e intermediar a atividade.

Concordamos com Alves (2006, p. 285) quando relata que "é a interpretação do cinema como experiência crítica que irá nos dar o fundamento metodológico das iniciativas pedagógicas de utilização do cinema em sala de aula".

Podemos considerar que a partir de Alves (2006) que o professor no momento da exibição, não troca de lugar com o DVD. Ele deve procurar orientar as crianças, pontuar falas e atingir certos objetivos mesmo que sutis. E como estamos nos referindo à Educação Infantil, não podemos esquecer que as crianças gostam e precisam da presença do professor, sentado com elas, assistindo e interagindo, já que é ele é um mediador no momento da aprendizagem. Como pontua Sarat (2011, p.118), "os indivíduos (as crianças) adquirem referências que serão levadas para a vida adulta, estabelecendo vínculos e formando concepções que passam de uma geração para a outra".

Diante do exposto, passamos a apresentar o período de observação que aconteceu em duas salas do Pré I e II matutino e vespertino, ambas com 12 crianças em 2 encontros. No primeiro momento, na sala do período matutino, a escolha do filme foi pelo fato da professora estar trabalhando o tema folclore com as crianças, assim acreditamos que a professora tenha realizado um planejamento (mesmo que tenha elaborado mentalmente alguma estratégia) de sua atividade, contudo, não tivemos acesso a nenhum planejamento prévio.

Desta forma, a professora introduziu o assunto com um pequeno vídeo que falava sobre algumas lendas, exibido pelo Notebook, apoiado em uma carteira e as crianças juntamente com ela sentadas ao chão. Ao término do vídeo, a professora conversou com as crianças e respondeu a algumas dúvidas. De forma que foi possível verificar que a professora possui um envolvimento com as crianças e procura sempre conversar com elas, diante disso podemos concordar com Pacheco (1998, p. 32) quando afirma que para realização de uma atividade é necessário que o/a professora/o conheça a criança.

> Conhecer a criança é pensá-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensá-la como um ser social determinado historicamente. Conhecer a criança é pensá-la interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada. Conhecer a criança é pensá-la como um ser de relações que ocorrem na família, na sociedade, na comunidade. É

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

> conhecê-la em casa, na escola, na igreja, na rua, no clube, em seus grupos sociais, nas "peladas", enfim, em todas as suas atividades.

No segundo momento, a professora direcionou as crianças para a sala de tecnologia que já estava preparada para recebê-los, com cadeiras direcionadas à frente da data show, para assistirem o filme " O Saci". As crianças ficaram bem atentas e quase não faziam comentários, a professora solicitou muito silêncio. Cabe ressaltar que o Saci personagem principal do filme, tinha orelhas pontudas, olhos vermelhos e pele negra. Uma criança ao término disse " Saci malvado", foi possível perceber que as crianças riam bastante nas cenas em que o Saci fazia "estripulias" com os demais personagens.

A relação entre a professora e as crianças precisa ter diálogo, o que não observamos neste dia e nessa exibição. Por várias vezes a professora solicitou que as crianças ficassem em silêncio, no entanto, quando as crianças se manifestam elas estão expressando o que estão sentindo e o que estão pensando.

> Programas que combinem criatividade, educação e entretenimento e que respeitem a inteligência das crianças são desafiadores e, consequentemente, agradáveis. Tal participação vai até onde criadores e produtores conseguirem entrar no universo infantil, contribuindo para maior aprendizagem e estímulo da curiosidade (CARMONA, 2002, p. 333).

Já a observação do Pré II período vespertino, a exibição ocorreu pelo motivo de ser um dia chuvoso, a professora estava com as crianças em sala, sentadas nas cadeiras, em uma posição nada confortável, e as crianças tinham de ficar com o pescoço virado para poder assistir ao filme "O cão e a raposa", de quase duas horas de duração, em uma pequena TV na parede da sala de atividades. Sobre a questão Medel (2014, p. 11, 14) afirma que:

> É muito importante que o mobiliário possa deslocar-se e oferecer diversas possibilidades de uso para facilitar o desenvolvimento de diversas experiências de aprendizagem e formas de agrupar as crianças. [...] O espaço da sala de aula deve permitir o livre deslocamento das crianças, de modo que possam interagir entre elas e utilizá-lo de acordo com suas necessidades e interesses [...].

A professora iniciou a atividade fazendo uma conversa sobre o assunto que se tratava o filme. Durante a exibição do filme as crianças faziam perguntas e comentários como " cadê o cão professora? " "Que fofo" "Eu tenho um cachorro". A professora aceitava os comentários e os respondia com muita atenção. Muitos já previam o que iria acontecer nas cenas, e desta

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

forma, nos momentos de desatenção a professora sempre interferia com perguntas, levantando hipóteses, para reestabelecer o interesse pelo filme.

É importante salientar que os filmes não podem ser vistos apenas como algo não pedagógico, "vídeo tapa-buraco", como afirma Moran (1995, p.03) ou, ainda rotulados como algo externo a escola. A prática docente pode utilizar de diversos recursos tecnológicos e midiáticos que contribuem e muito na assimilação de conteúdos e de um melhor entendimento sobre temas em debate. Segundo Gonçalves (apud, PERRENOUD, 1999, p. 139):

> [...] as tecnologias podem reforçar os trabalhos pedagógicos e didáticos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas, em que o professor bem preparado e atualizado pode tornar-se um bom mediador do que é visto/ouvido nos diferentes meios de comunicação.

Com o passar do tempo a maioria das crianças começou a se debruçar sobre as mesas, cansadas, pela posição desconfortável e começaram a perguntar se faltava muito para acabar. Nesse momento, a professora interveio mais uma vez explicando o que eram alguns objetos desconhecidos por eles, muitas crianças ficavam repetindo as falas dos personagens. Ao término da atividade fílmica a professora perguntou a cada criança qual parte que mais gostaram do filme assistido. Algumas diziam " a parte do fogo" ou ainda " a parte que eles eram crianças" e " a parte que o caçador virou amigo da raposa".

As crianças assimilam o que assistem e lembram as cenas e falas, pois é algo prazeroso é uma atitude que é vista como boa. Assistir algo que gostamos é bom. Levando ainda em consideração, que para as crianças, tudo que é novo e diferente do normal, chama a atenção e desperta a curiosidade, assim devemos pensar o uso tecnologias e de filmes de animação. E se imaginarmos iniciar uma roda de conversa sobre algo e levar uma animação que retrate o assunto? E ao término conversar sobre o que foi visto.

Por fim, cabe analisar que houve diferenças nas duas práticas docentes observadas. A primeira professora fez uma introdução ao assunto, e conduziu a sala para um lugar mais confortável e apropriado para a exibição. Contudo, a mesma, não possibilitou abertura de diálogo e comentários durante a exibição e não fez nenhuma intervenção ou conclusão do desenho ao término. O desenho embora apresentasse a figura do Saci um pouco diferenciada, possuía um contexto bem folclórico que era o objetivo da exibição e do planejamento docente.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

A segunda professora, introduziu o assunto do filme, e realizou intervenções, explicando e sanando dúvidas, durante toda exibição. Porém, as crianças ficaram um pouco cansadas e entediadas pela posição que se encontravam e pela duração do filme de duas horas, considerado longo, mesmo com o intervalo para o lanche. Ao término ela fez uma reflexão tratando da amizade e das diferenças, neste momento as crianças puderam se expressar e manifestar opinião falando e assimilando o que estavam assistindo.

Com essas ações podemos perceber que a professora procura mediar as situações de aprendizagens, e proporciona novas vivências aos seus alunos. As tecnologias também são recursos didáticos, partindo do princípio que os filmes e desenhos são assistidos pelas crianças com grande atenção e interesse, o educador pode tomar posse disso e acrescentar na sua prática para iniciar ou reforçar objetivos, para que "Além de fonte de prazer e entretenimento, os desenhos animados podem representar valiosos instrumentos para favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal e profissional " (BOSELLI, 2002 p. 30).

Ambas as turmas tinham algo em comum durante a observação de exibição dos filmes, as crianças sempre estavam atentas e riam nos momentos agressivos e violentos dos filmes, as cenas consideradas mais divertidas para elas, eram as cenas de ação, em que alguém se machucava. Percebemos ainda que em uma das exibições, o filme de animação era parte da atividade programada para aquele dia, fazia parte da proposta pedagógica da professora, e que na outra exibição do filme a professora se utilizou de cenas para trabalhar, assuntos como amizades e diferenças.

Arnaldo (2002, p. 439) comenta que, às vezes, "tem-se a sensação de que há uma oposição entre mídia e educação; que a mídia não é o meio mais apropriado para educar, que ela não desempenha nenhum papel na educação". Um filme e desenho bem escolhido pode e deve ser usado nas salas de atividades como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, uma das habilidades e competências a ser desenvolvida nas Ciências da Natureza é "compreender e utilizar a ciência como elemento de interpretação e intervenção, e a tecnologia como conhecimento sistemático de sentido prático" (BRASIL, 1999, p. 13).

Assim também o artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI, propõe que as práticas pedagógicas que compõe a proposta curricular da educação infantil devem promover "o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança,

e-ISSN: 2318-1540

teatro, poesia e literatura" (BRASIL, 2009). Os filmes e desenhos são bem mais do que algo prazeroso que remete ao lazer apenas, eles trazem significados e conteúdo que chegam a todos que assistem, em especial as crianças que assistem repetidas vezes, por que gostam do que assistem e descobrem algo novo a cada exibição.

Considerações finais

Partindo das leituras e indagações feitas no início desse estudo, podemos considerar que a pesquisa possibilitou a compreensão de conceitos e proporcionou reflexões sobre o tema mídia e infância. A metodologia foi de grande importância para esta pesquisa, e a necessidade de ir a campo, observar a prática na Educação Infantil e ouvir as crianças possibilitou compreender o quanto as crianças são o centro da ação pedagógica. Foi possível compreender que as crianças se interessam muito pelos filmes de animação e estes fazem parte de suas rotinas em seus lares, de forma que têm seus personagens preferidos e assistem os títulos repetidas vezes, os filmes são escolhidos as vezes por alguém mais velho, ou pelas próprias crianças. As crianças demonstram em suas falas uma grande compreensão e memorização e são capazes de resumir facilmente o que foi assistido.

Em seguida, ao observar as crianças durante as exibições percebemos as diferenças nas práticas docentes, foi possível notar que essa diferença afeta na qualidade da exibição e na compreensão das crianças. Como a atividade em que professora que introduz o assunto, intervém durante a exibição, explicando algo não conhecido, ou respondendo perguntas e, ainda ao término, ouve as crianças, para saber a opinião delas sobre a qualidade do filme e suas ponderações sobre o enredo, possibilita uma relação de troca de experiências. Assim, se os professores procurarem trabalhar com filmes de animação de forma que possibilite realizar uma intervenção, com um propósito, dentro do planejamento e procure ouvir e registrar o conhecimento prévio e posterior das crianças, o filme de animação começa a fazer sentido em sua prática pedagógica, começa a ser significativo. Caso contrário teremos uma mera exibição que não se distingue da exibição feita nos seus lares, sem contexto pedagógico. As crianças não veem o filme com sentido, e ficam com dúvidas acerca de algumas cenas que precisariam ser conversadas e esclarecidas.

Por fim, conclui-se que os filmes de animação têm sua importância para as crianças, fazem parte da sua rotina, e os personagens preferidos despertam o desejo de fazer que as

crianças assistam repetidas vezes. Entendemos que tais recursos podem e devem ser utilizados na prática docente, aproveitando do seu efeito de chamar a atenção e remeter ao lazer, para intervir acerca de temas necessários e pertinentes na Educação Infantil, contudo, sempre se preocupando com o que a criança está assistindo se condiz com sua faixa etária e como a criança está assistindo, observar se possui dúvidas e propiciar um local adequado e confortável, para a exibição, atendendo as necessidades do ser criança. E obviamente também utilizá-lo como estratégia de lazer e entretenimento desde que previsto, combinado e planejado com as crianças.

Referências

ALVES, G. *Trabalho e cinema:* o mundo do trabalho através do cinema. Londrina: práxis, 2006. 320p.

ARNALDO, C. A. Meios de Comunicação: A Favor ou Contra a Educação? *In:* CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V. (orgs.). *A criança e a mídia:* imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

BEZERRA, W. *Manual do telespectador insatisfeito*. São Paulo: Summus, 1999.

BOSELLI, S. M. C. *Desenho Animado Infantil:* Um caminho da Educação a Distância**.** Tese de Doutorado**.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução. Brasília: MEC, 1999, p.13.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. *Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.* Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf Acesso em: jun. 2017.

CARMONA, B. A participação da criança na televisão brasileira. *In*: CARLSSON, U; FEILITZEN, C. V. (orgs.) *A criança e a mídia:* imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

CRUZ, S. H. V. (org.). *A Criança Fala:* a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

ELIAS, E. Quem cria infantis evita a TV. *In:* JUNIOR, L. C. P. (org.). *A vida com a TV:* o poder da televisão no cotidiano. São Paulo: Senac, 2002.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Org. por Michael Schöter. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, N. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. *In:* Gebara, A. WOUTERS, C. *O controle das emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

FERREIRA, E. *A participação das crianças na sua Educação.* Disponível em <http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Comunicacao_Oral/Trabalhos_Completos/Eliana_Ferreira.pdf> acesso em 27**.** Set. 2017.

GIROUX, H. Disney e a política da inocência e códigos raciais no texto Hollywoodiano. *In:* GIROUX, H.. *Atos Impuros:* a prática política dos estudos culturais, Artmed, 2003.

GONÇALVES, A. A. M. R. *Formação de professores mediada por tecnologia* – a televisão como recurso pedagógico. Feira de Santana: UEFS, 2003.

KUHLMANN, JR. M. *Infância e educação infantil:* uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MEDEL, C. R. M. de A. *Educação Infantil:* da construção do ambiente ás práticas pedagógicas. 4 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 224p.

MORAN, J. M. O vídeo em sala de aula**.** *Revista Comunicação e educação.* Departamento de comunicação e artes da ECA/USP. São Paulo, jan-abr.1995, v.1, n.2. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851 Acesso em: jun.2017.

MORAN, J. M; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.* 7ª ed., Campinas: Papirus, 2003.

MORAN, J. M. *Desafios na Comunicação Pessoal*. Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

NUNES, V**.** *Pra gente grande entender melhor a criança.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

PACHECO, E. D**.** *Televisão, Criança, Imaginário e Educaçã***o**. São Paulo: Papirus, 1998.

POSTMAN, N. *O Desaparecimento da Infância.* Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.

SARAT, M**.** *Histórias de estrangeiros no Brasil:* infância, memória e educação. Piracicaba, 2004. (Tese de doutorado em educação), Universidade Metodista de Piracicaba, defendida em 2004).

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

SARAT, M**.** Educação, Memória e Gênero: contribuições de Norbert Elias. *Intermeio:* revista do programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, Campo Grande, MS, v.17, n.33, p.118-139, jan/jun. 2011. Disponível em: http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/view/9Acesso em: jul.2017.

TÁVOLA, A. TV, Criança e Imaginário. In: PACHECO, E. D. (org.). *Televisão, Criança, Imaginário e Educação:* dilemas e diálogos. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

Enviado 17/05/2018
Aceito 17/06/2018